

CONSOANTES DO XIPAYA E DO JURUNA – UMA COMPARAÇÃO EM BUSCA DO PROTO-SISTEMA

Cristina Martins FARGETTI¹
Carmen L. Reis RODRIGUES²

- **RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar uma proposta de reconstrução das consoantes do proto-juruna, baseando-nos na análise de 297 cognatos entre xipaya e juruna³, coletados pelas autoras com informantes das línguas, e dados coletados anteriormente por outros autores. Xipaya e juruna são as duas línguas sobreviventes da família juruna, que também contava com o manitsawá, já extinto. A primeira língua é estudada por Carmen Rodrigues desde 1988 e a segunda por Cristina Fargetti desde 1989. Os estudos feitos pelas autoras constituem primeira abordagem lingüística a respeito, pois os materiais anteriores constituíam, em sua maioria, apenas listas de palavras (com exceção da breve descrição gramatical do xipaya feita por Nimuendaju (1923) e de um esboço de fonologia juruna feito por Louro (1979)). Neste trabalho apresentamos: informações sobre os falantes de ambas as línguas nos dias de hoje; classificação da família lingüística juruna e o status de xipaya e juruna hoje (línguas ou dialetos?); discussão de hipótese sobre a divisão populacional xipaya-juruna; breve descrição da metodologia utilizada para análise de nossos dados, bem como de dados de outros autores; sumário fonológico, com as consoantes das duas línguas hoje; reconstrução do proto-sistema de consoantes, com os processos diacrônicos envolvidos; lista dos cognatos utilizados.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Consoantes. Proto-sistema. Família juruna. Tronco tupi.

Os xipaya e os juruna hoje

O povo xipaya localiza-se, em sua maioria, na cidade de Altamira, no Pará. Conta atualmente com 595 indivíduos, aproximadamente (censo de 2002, em PATRÍCIO, 2003), mas com somente quatro falantes⁴ da língua, sendo a mais fluente Iawaidu Xipaya (ou Maria Xipaya). As crianças não aprendem mais a língua, falam apenas português. Há algumas pessoas que possuem algum conhecimento da língua, mas não em profundidade como Iawaidu, que hoje já tem mais de 70

¹ UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Lingüística, Araraquara - SP - Brasil. 14800-901 - cmfarget@gmail.com

² UFPA - Universidade Federal do Pará. Faculdade de Letras. Campus Universitário de Castanhal. Castanhal - PA - Brasil. 68746-360 - reis@ufpa.br

³ O termo "xipaya" refere-se a um tipo de bambu usado na confecção de flechas, flexível e bravo, atributos que o povo se atribui (PATRÍCIO, 2003). Há variação na escrita nos textos antigos (hoje, xipaya ou xipaia). Já o termo "juruna" vem do nheengatu, significando "boca preta", referindo-se a antiga tatuagem do povo, não usada há muito tempo. A auto-denominação "yudjá" vem sendo utilizada em textos e documentos da ONG ISA (significaria "dono do rio"). Como o próprio povo não escolhe entre ambas denominações, prosseguimos utilizando "juruna", termo pelo qual são mais conhecidos na literatura tanto povo quanto língua.

⁴ No início de suas pesquisas sobre a língua xipaya, Carmen Rodrigues tinha conhecimento de apenas duas falantes da língua, mas, em 2004, teve contato com mais uma falante e, em 2005, conheceu um outro falante xipaya, em Altamira/PA.

anos. Segundo Patrício (2003), apesar de a maior concentração de xipaya ser em Altamira, onde têm parentesco com os kuruaya, há também população às margens dos rios Iriri e Curuá (onde fica a Terra Indígena Xipaya, com a aldeia Tukumã e 5 comunidades, em vias de regulamentarização), e na Volta Grande do Xingu.

O povo juruna localiza-se no Parque Indígena Xingu, Mato Grosso, em quatro aldeias, entre a BR-80 e o Posto Indígena Diauarum. A aldeia com população mais numerosa é Tubatuba, que fica próxima à foz do Manitsawá. Nessa região, foram encontrados pelos irmãos Villas Bôas, há quase 60 anos. O censo de Lima (2001) apontava uma população de 278 indivíduos, todos falantes de juruna. Contudo, devido à baixa mortalidade e grande número de nascimentos posteriores, a população hoje deve contar com crescimento considerável. A situação linguística é bem diversa da vivida pelos xipaya, uma vez que a língua é usada no dia-a-dia das aldeias, as crianças a aprendem como primeira língua, embora, aos poucos, com a escola, comecem a se tornar bilíngües mais jovens (juruna-português). Há conhecimento, entre os juruna, de outras línguas xinguanas, havendo pessoas com uma boa compreensão de suyá (jê), por exemplo. Nas aldeias, as escolas contam com professores juruna, com ensino bilíngüe, pois existe uma ortografia própria há 14 anos, proposta por Fargetti, que vem sendo usada, inclusive, no registro que os professores têm feito de histórias de seu povo⁵.

Em junho de 2005, ocorreu, em Altamira, PA, o encontro entre vários juruna do Xingu e Iawaidu Xipaya. Ele foi registrado em vídeo por C. Rodrigues, e, aparentemente, Iawaidu era compreendida pelos juruna ao falar xipaya. Foi um momento emocionante para ambos os lados. Contudo, assim como ocorre no Xingu, o conhecimento prévio que ambos tinham, um da língua do outro, permitiu o diálogo, em nossa opinião. Fargetti presenciou, por exemplo, na aldeia Tubatuba, um diálogo entre duas mulheres, uma juruna e uma suyá, cada uma falando em sua própria língua e sendo compreendida pela outra. Note-se que juruna é do tronco tupi e suyá é do tronco jê, não sendo, pois, as duas línguas mutuamente compreensíveis, mas sim as duas mulheres bilíngües. Portanto, a mútua compreensão entre Iawaidu e os juruna, em Altamira, não prova muito sobre a possibilidade de total semelhança entre as duas línguas. Ou seja, esse fato não permite concluir o status de juruna e xipaya: se são línguas ou dialetos, questão que será abordada aqui.

Os xipaya e os juruna ontem

Patrício (2003) menciona as referências feitas à localização do povo xipaya por viajantes no passado: von den Steinen (em 1841), Adalbert da Prússia (em

⁵ Sobre uma discussão maior sobre o processo, ver Fargetti (2006).

1849), Coudreau (1895-96), e Snethlage (em 1910 – 1913) mencionam os xipaya e os kuruaya vivendo na região do rio Xingu; Nimuendaju (entre 1916 – 1919) os encontrou no Xingu, Iriri e Curuá. Já no final do século XIX os xipaya vivenciavam conflitos com outras etnias (por exemplo, kayapó) e com seringueiros, sendo contados em poucas dezenas de pessoas já no início do século XX. O grupo teve uma dispersão entre 1940-1950, se reunificando a partir de 1970, buscando seu território antigo: reconstrução da aldeia do Iriri a partir de uma família numerosa. Ainda segundo Patrício (2003) os xipaya são mencionados em relatos de padres, viajantes, cientistas e presidentes da Província do Pará desde o século XVII. O contato mais prolongado com não-índios iniciou-se, contudo, no séc. XVIII, quando se formou a missão Tavaquara, em que também estiveram os kuruaya, juruna e arara. Essa missão situava-se na região da atual cidade de Altamira, PA, onde mais se concentra a população xipaya.

A primeira notícia sobre os juruna data de 1625, informando sua localização em uma ilha entre o Pacajá (Portel) e o Parnaíba (Xingu), nas proximidades da foz deste último, ou seja, ao norte do atual estado do Pará (PARENTE, 1874 apud OLIVEIRA, 1970). Há indícios, em narrativas míticas, de que, anteriormente, os juruna habitavam as margens do rio Amazonas. Tais narrativas apontam também a migração do grupo do Amazonas para o Xingu.

A partir do século XVII, os juruna tiveram contato com missionários, que tentaram catequizá-los ou escravizá-los; devido a isso, migraram para o Sul. Durante essa migração feita em etapas, subindo o rio Xingu, os juruna mantiveram relações, em geral hostis, com grupos indígenas da região, como os kayapó, por exemplo.

Steinen (1942) menciona que em 1884 grupos juruna encontravam-se no médio Xingu, e Coudreau (1977) indica para eles esta mesma localização, em 1896. No começo do século XX, devido ao avanço de seringueiros na região, os juruna recuaram mais para a montante do rio Xingu, estabelecendo-se nas proximidades da cachoeira de Von Martius (NIMUENDAJU, 1948). Quando entraram em contato com os irmãos Villas Bôas, em 1948, encontravam-se junto à foz do Rio Manitsawá, e desde então permanecem aproximadamente nessa mesma região, em área vizinha ao atual Posto Indígena Diauarum.

A população juruna, no século XX, havia sofrido grande decréscimo: apenas 45 indivíduos quando do contato com os Villas Bôas; 58 indivíduos, em 1967, no contato com a antropóloga A. Oliveira; 101, em 1987 (segundo a Escola Paulista de Medicina); 126, em 1991, segundo Fargetti (1992); 240, em 2001, segundo Fargetti (2007a). Apesar do reduzido número, e admitidas as influências de alguns costumes de outros povos, xinguanos ou não, bem como inegáveis mudanças na língua – sistema ativo e mutável que é – de maneira geral, pode-se afirmar que os juruna preservam realmente o que é chamado de cultura tradicional (disposição da aldeia, pintura corporal, cultura material, atividades de subsistência, família, chefia, etc) e também sua língua.

Classificação da família juruna

Com base em listas de palavras coletadas por autores no final do século XIX e início do século XX, o xipaya e o juruna foram reconhecidos como línguas do tronco tupi, constituindo a família juruna, juntamente com o Manitsawá, já extinto (sobre o qual há apenas uma lista de palavras de STEINEN, 1942). Cabe notar que até recentemente o xipaya era tido como extinto também; contudo, Carmen Rodrigues localizou representantes do grupo e em 1988 iniciou seus estudos com Iawaidu.

As línguas da família juruna eram tidas erroneamente como línguas “impuras” da família tupi-guarani (RODRIGUES, A., 1955). Assim, Loukotka (apud OLIVEIRA, 1970) qualificou-as como línguas tupi mescladas com aruak, e Nimuendaju (1948) separou o juruna, juntamente com o xipaya, o manitsawá e possivelmente o arupaí, em um grupo especial de línguas tupi “impuras”. Na opinião de Nimuendaju (1948, p.215), a língua juruna apresenta quatro componentes: (1) uma base tupi, (2) influências do aruak, (3) influências das línguas caribe, e (4) empréstimos da língua geral.

O critério utilizado por Aryon Rodrigues (1955) para o reconhecimento da família juruna foi a escala de base estatística proposta por Swadesh: o menor ou maior grau de afinidades entre as línguas (dialeto-família-tronco-“phylum”) será determinado pela porcentagem de termos cognatos. Comparando estatisticamente listas de palavras das três línguas mencionadas, com listas de línguas comprovadamente tupi-guarani, chegou à conclusão de que o juruna, o manitsawá e o xipaya têm parentesco com as línguas da família tupi-guarani somente ao nível de tronco (tupi), não podendo ser chamadas de línguas tupi-guarani “impuras”, constituindo-se então uma família distinta, a família juruna.

Lima (1995) afirma que juruna e xipaya seriam dialetos de uma mesma língua, baseando-se em semelhanças notadas entre dados juruna e a lista de palavras e notas gramaticais de Nimuendaju sobre o xipaya no início do século XX. Contudo, nossa posição é a de que se trata hoje de duas línguas distintas, pertencentes à mesma família lingüística, corroborando a análise de Aryon Rodrigues. Observam-se entre elas um bom número de cognatos, mas há claras diferenças fonológicas e fonéticas, bem como morfossintáticas. Exemplos destas últimas seriam⁶:

- nas orações subordinadas relativas, em juruna, há dois sufixos, **-yã** e **-yãhã**, o primeiro para relativizar o sujeito, o segundo para objeto, oblíquo, sujeito de estativo; em xipaya, há apenas a partícula **yãhã**;

⁶ Retirados de Carmen Rodrigues. (1995) e Fargetti (2007a).

- no imperativo, o juruna tem apenas o verbo no realis (*etjúkú* “coma!”) e o xipaya tem a marcação da partícula **he** (*etúku he* “coma!”)
- a negação no imperativo (o proibitivo) se dá em juruna pelo *verbo + máku*, o que a diferencia da negação de uma assertiva; em xipaya, a negação é idêntica à da assertiva: verbo **-aũ** ou verbo **-u**
- a marca de objeto direto em juruna é **he**; em xipaya é **de** (*daku he de* “lave-o!”)
- diferenças nos marcadores de pessoa (o que está sendo trabalhado em outro artigo das autoras), etc.

A separação entre os xipaya e os juruna

Como há notícias da existência dos dois povos já no século XVII, supõe-se que estavam separados nessa época. Contudo, e antes disso? Teriam sido juruna e xipaya um único povo?

Nossa hipótese é de que sim; teriam sido um único povo algum tempo antes (quanto não se pode precisar), quando viviam na região do atual Amazonas. Esta hipótese é sustentada pela tradição oral, em um mito que tanto os juruna quanto os xipaya conhecem. A versão juruna que abaixo apresentamos encontra-se em Oliveira (1970, p.15), e foi narrada por Bibina, antigo chefe juruna.

Para fazer juruna, Cinaã cortou pau no mato e depois soprou, virando gente. Isso foi lá muito embaixo do Xingu, lá onde tem um rio que caraíba chama Amazonas. Tinha muita aldeia juruna. Aí acabou terra, rio ficou cheio, mato sumiu, água foi subindo. Só ficou morro. Cinaã, então, levou juruna pr’o morro e deu comida pr’a ele, pois comida tinha acabado. Mesmo assim, muitos morreram de fome, outros se perderam. Só quem estava perto de Cinaã é que não morreu. Quando água acabou, juruna desceu. Pai nosso desceu primeiro, na frente, para ensinar o caminho do Xingu. Vinham pelo mato. Juruna foi atrás; outro foi atrás. Cinaã já estava no Xingu, esperando juruna, quando nasceu uma criança no grupo que vinha na frente. O “negócio de menino” foi deixado no chão. O grupo que vinha atrás estava com fome e, vendo o “negócio de menino”, pensou que fosse tripa de bicho que o grupo da frente tinha matado. Aí assou e comeu. Quando os dois grupos chegaram ao rio Xingu, os que vinham atrás contaram aos da frente que haviam comido a tripa que eles tinham deixado no mato. Aí outro disse: - “Não, não era tripa de bicho não. Isso era “negócio de menino”.” Então o grupo que havia comido o “negócio de menino” ficou bravo e disse que não ia mais no rio, que ia voltar. Foi aí que voltou muita gente para o mato. Virou índio bravo lá no mato mesmo; ficou morando no Amazonas. Outro ficou no Xingu.

Conforme Fargetti pôde posteriormente saber, Cinaã, na verdade, é pronunciado [seḷãʔá], que quer dizer “nosso tubérculo” (ou seja, o tubérculo de onde brotamos), que no mito Bibina traduz por “pai nosso”, tradução que os juruna ainda usam. Note-se também que “negócio de menino” vem a ser a placenta do bebê.

Na versão xipaya do mito, coletada por Carmen Rodrigues (1995), o povo que é enganado e come a placenta é o xipaya. Assim, quando viviam no Amazonas, juruna e xipaya eram um povo só, que migrava para a região do atual Pará. Devido a desentendimentos (o que é simbolizado no mito pelo malogro da placenta), separaram-se, tendo os xipaya se refugiado na mata e os juruna prosseguido, até serem encontrados em 1625, bem ao norte do Pará. Pouco depois os xipaya foram encontrados em região próxima, o que comprova que migravam na mesma direção.

Quanto ao povo manitsawá, nada se pode afirmar, não há relatos. Não é possível supor que também fossem parte do mesmo grupo que se separou no Amazonas. A separação xipaya-juruna deve ter ocorrido há 500 anos atrás, ou mais. Contudo, apesar de terem se tornado inimigos, no século XIX e XX há registro de casamentos entre juruna e xipaya. Inclusive, no Xingu, a mãe de Bibina, Jacuí, era uma índia xipaya, que os Villas Bôas conheceram.

Metodologia e análise dos dados

Os dados obtidos por Carmen Rodrigues sobre o xipaya atual foram fornecidos por Iawaidu, em sua quase totalidade. Foram gravados e transcritos ao longo dos anos de pesquisa até o momento.

Os dados obtidos por Fargetti sobre o juruna atual foram fornecidos por vários juruna, entre eles principalmente Adjíhá, Tarinu e Yawadá. O primeiro, homem, hoje estaria na faixa dos 40 anos (faleceu, lamentavelmente, em 2005). O segundo, homem também, está em torno dos 40 anos hoje e a terceira, uma mulher, que vive há uns 10 anos em Brasília, casada com um kayabí, está na faixa dos 30 anos hoje. Todos os dados foram gravados e transcritos também ao longo dos anos de pesquisa.

Foram selecionados 297 cognatos entre as duas línguas (em seu registro após 1988) que permitiram postular a maior parte das consoantes do proto-sistema⁷. Contudo, dados de autores anteriores foram analisados para postular algumas consoantes do proto-sistema. Tais dados foram analisados com cautela, uma vez que a notação é bem diferente de autor para autor, com evidentes mal-entendidos

⁷ As autoras agradecem às estudantes, bolsistas de Iniciação Científica da UFPA, Heliane do Socorro Silva Matos e Hildegard da Silva Bringel, pelo trabalho inicial de localização dos cognatos, supervisionadas por sua orientadora, Carmen Rodrigues.

devidos à dificuldade de comunicação, pouca familiaridade do autor com a língua, falta de formação lingüística (apenas um lingüista entre eles). Contudo, apesar de tais problemas, consegue-se chegar à compreensão do sistema de notação de cada autor e, através da consistência de certas escolhas, depreende-se a notação usada e pode-se aproximá-la da atual. Um tratamento mais detalhado da questão será abordado em trabalhos posteriores, estabelecendo a relação entre cada grafema usado pelos autores antigos e segmentos consonantais e vocálicos das línguas. Aqui será feita a discussão apenas dos segmentos que interessam para nosso estudo.

O método de análise é o comparativo, partindo-se de dados atuais das línguas e comparando-os, às vezes, com dados de registros anteriores, a partir do final do século XIX. Levam-se em conta as variações ocorrentes tanto nos dias de hoje como em épocas passadas, vislumbrando-se dessa forma, inclusive, processos fonológicos na base das mudanças no sistema. Tais processos mostram tendências em cada língua, por vezes convergentes.

A transcrição utilizada é a fonológica; contudo, adotam-se alguns símbolos já utilizados para a ortografia da língua juruna: **y** para a aproximante palatal (que em algumas línguas grafa-se **j**), **l** para a lateral fricativa sonora (que no IPA é [ɭ]), **ï** para a vogal central alta (que às vezes, para outras línguas, se grafa **y** ou **i**). Na ortografia juruna não se marcam os tons, mas aqui os tons altos vêm marcados com ´, e os tons baixos não são marcados. A sílaba tônica não é marcada, pois ela é previsível, em juruna, pela alternância de tons (ver regra, a frente). A nasalidade é marcada apenas na vogal intrinsecamente nasal, pois o espraçamento não é marcado.

Sumário fonológico: consoantes hoje

Xipaya⁸ – xipaya apresenta hoje os seguintes fonemas consonantais:

	Bilabial	Alveolar	Retroflexa	Palatral	Velar	Glotal
Oclusiva	p b	t d			k	
Nasal	m	n				
Tepe retr.			ɽ			
Fricativa		s z		ʃ		h
Aproxim.	w			y		

Exemplos de comprovação do status fonológico dos segmentos:

⁸ A análise apresentada fundamenta-se em Carmen Rodrigues (1990).

/ p / : / b /	/ t / : / d /	/ t / : / k /
/ i'pĩa / “lama”	/ pu'tuɾu / “aranha”	/ ata / “carne”
/ i-bĩa / “fígado dele”	/ pu'duɾu / “empurrar”	/ a'ka / “casa”
/ m / : / n /	/ w / : / y /	/ d / : / ɾ /
/ mana / “chuva”	/ 'waɾi / “caxiri”	/ bi'da / “dois”
/ - nama / “peito”	/ 'yaɾi / “contente”	/ pi'ra / “pulga”
/ s / : / z /	/ s / : / ʃ /	/ ʃ / : / h /
/ a'sa / “farinha”	/ 'sia / “sono”	/ kaɾa'ʃu / “colher”
/ a'za / “cair”	/ 'ʃia / “tigela”	/ kaɾa'hu / “buraco”

Há, para vários fonemas, alofones em distribuição complementar ou em “variação livre”: I [p] [φ]; II [w] [β]; III [ŋ] [n] [ɲ]; IV [ʒ] [z]; V [tʃ] [t]; VI [dʒ] [d] [nd]; VII [mb] [b].

(I) [φ] ocorre somente diante de vogal nasal e [p] com as demais vogais; portanto, são alofones de / p / : / pana'ki / [φ̣ɛna'ki] “peixe (tipo)” / paɾa'hu / [pa:ɾahu] “pessoa jovem”

(II) [w] ocorre diante de / a / e / ã / e [β] com as demais vogais; portanto, são alofones de / w / : / i'wa / [i'wa] “chefe” / wãɾa'ʃa / [wãɾɛ'ʃɛ] “calcanhar”

(III) [ŋ] ocorre em ambiente nasal ou em sílaba final não-acentuada; [ɲ] tem apenas uma ocorrência, antes de [i]; e [n] ocorre nos demais ambientes; portanto, são alofones de [n]: / na'mi / [ŋɛ'mi] “fim” / kaniama / [kaɲiɛma] “cesto” / senapi / [senapi] “homem”

(IV) [z] ocorre com [u] e [e], [ʒ] com os demais; são, portanto, alofones de / z / :

/ kuzu'hu / [kuzu'hu] “urubu” / 'kuzi / ['kuʒi] “cotia”

(V) [tʃ] ocorre diante de [i], contíguo a [m] ou [?] (em poucos dados) e [t] com os demais; portanto, tem-se o fonema /t / com dois alofones:

/ pi'tima / [pi'tʃima] “fumo” / e'tuka / [e'tuka] “alimento”

(VI) [dʒ] ocorre diante de [i] e de grupo vocálico, [nd] em ambiente nasal, [d] nos demais ambientes; são, portanto, alofones de / d / :

/ dida'ku / [dʒida'ku] “bater” / madi'ka / [mɛndi'ka] “lua”

/ daya / [daɣa] “avô”

(VII) [mb] ocorre em ambiente nasal, [b] nos demais ambientes; são, portanto, alofones de / b / : / yãbata / [yɛmbata] “rede” / a'baku / [a'baku] “matar”

Quanto à oclusiva glotal, em xipaya, sua realização é tida como apenas fonética, em final de palavra, ou para evitar a formação de grupo de três vogais ou de grupos de vogais não admitidos pela língua:

/ senapi / [senapiʔ] “homem” / a'ai / [aʔai] “pessoa”

/ awatʃiti / [awatʃiʔi] “arroz”

Na tabela de cognatos, o sinal de acento agudo ´ marca, em xipaya, a sílaba tônica, quando esta não é a última sílaba.

Juruna⁹ – O juruna apresenta hoje os seguintes fonemas consonantais:

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b	t d		k	ʔ
Africada			tʃ dʒ		
Nasal	m	n			
Tepe		r			
Fricativa		s z	ʃ		h
Lat.fric		l			
Aprox.	w		y		

Exemplos de comprovação do status fonológico dos segmentos:

/ p / : / b /

/ upa / [upáʔ] “meu pai”

/ ubá / [ubáʔ] “debulhar (milho)”

/ t / : / tʃ /

/ atá / [atáʔ] “capivara”

/ atʃá / [atʃáʔ] “carne ; ninho de ave”

/ m / : / n /

/ makurú / [maku'rúʔ] “espinho”

/ nakurú / [naku'rúʔ] “coelho”

/ r / : / h /

/ urú / [u'rú] “andorinha”

/ uhú / [u'hú] “urubu”

/ r / : / l /

/ arapá / [ara'pá] “arara”

/ alapá / [aʃa'pá] “habitante do céu”

/ s / : / ʃ /

/ sá / [sá] “sair, nascer”

/ aʃá / [a'ʃáʔ] “chifre”

/ dʒ / : / y /

/ iyá / [i:'yáʔ] “água, rio”

/ idzá / [i'dzáʔ] “mãe (dele)”

/ t / : / d /

/ atá / [a táʔ] “capivara”

/ edá / [edáʔ] “saúva vermelha”

/ k / : / ʔ /

/ aká / [akáʔ] “casa”

/ ʔaʔá / [ʔaʔáʔ] “morcego”

/ n / : / y /

/ yakurupá / [yaku'upáʔ] “calango”

/ nakurú / [naku'rúʔ] “coelho”

/ l / : / z /

/ awilá / [awi'ʒá] “mel”

/ apiza / [api'za] “cocar, chapéu”

/ s / : / z /

/ isá / [isáʔ] “pele (dele)”

/ izá / [izáʔ] “nome(dele)”

/ tʃ / : / dʒ /

/ maritʃa / [ma'ritʃaʔ] “caxiri (muito)”

/ iidʒa / [i'i:dʒa] “mulher”

/ w / : / h /

/ tawá / [ta'wáʔ] “igarapé”

/ atutahá / [atuta'háʔ] “adorno para cabelo”

⁹ A análise apresentada fundamenta-se em Fargetti (1992, 2007a).

Relevante mencionar que há, para vários fonemas, alofones em distribuição complementar ou em “variação livre”: I [t], [t̥]; II [d], [d̥]; III [tʃ], [tʃ̥]; IV [dʒ], [dʒ̥]; V[ϕ], [h]; VI[ʔ], [h]; VII[z], [dz]; VIII[ɾ], [ɾ̃], [r]; IX [w], [β], [w̃]; X [y], [ʏ], [p̃]

(I) A oclusiva alveolar surda [t̥] ocorre somente diante de vogal alta, em variação com [t], oclusiva dental surda, que pode ocorrer nos demais ambientes. Portanto, tem-se somente um fonema / t / com dois alofones diferentes. (II) O mesmo fenômeno ocorre com o fonema /d/: a oclusiva alveolar sonora [d̥] ocorre somente diante de vogal alta em variação com [d], oclusiva dental sonora, que ocorre nos demais ambientes. (III) Já a africada palato-alveolar surda [tʃ̥] pode variar com uma pronúncia palatalizada da oclusiva dental surda [t̥ʃ̥]. Esta variação foi observada na pronúncia de mulheres e crianças somente. (IV) O mesmo processo observado para a africada palato alveolar sonora [dʒ̥], que pode variar, portanto, com [d̥ʒ̥], também foi observada somente na fala de mulheres e crianças.

(V) [ϕ] ocorre somente diante da vogal posterior alta [u], podendo variar com a fricativa glotal surda [h], esta última ocorre com as demais vogais; são, portanto, alofones do fonema / h / :

[ϕuriri'kú] “erva do pajé” [ba'háʔ] “caminho, estrada”

[u'ϕú] ~ [u'hú] “urubu” [sr'náhí] “homem”

(VI) [ʔ] pode variar com [h], em início e final de palavra; podendo, inclusive, não ocorrer totalmente em final de palavra. Nos demais ambientes (início de sílaba em meio de palavra), não há variação. Tem-se, portanto, o fonema / ʔ / com dois alofones: [ʔũ'bá] ~ [hũ'bá] “resposta afirmativa (fala masculina)”

[ko: ʔíʔ] ~ [ko: ʔih] ~ [ko: ʔi] “amendoim”

(VII) [dz] ocorre somente contígua a [a], em variação [z], que pode ocorrer com as outras vogais: [apĩ'dza] ~ [apĩ'za] “cocar, chapéu” [pá'zúʔ] “sapo (tipo)”

(VIII) [ɾ] ocorre somente diante da vogal posterior alta [u], [ɾ̃] ocorre somente diante de vogal nasal e, [r] ocorre nos demais ambientes. Portanto, tem-se o fonema / r / com três alofones: [peɾ u] “povo suyá”

[ũɾũ] “andorinha” [ka: ra'íʔ] “caraíba, não-índio”

[uɾubíʔ] “macaco mucura” [kũɾũ'mɛʔ] “lagarto”

(IX) [β] só ocorre diante de [i]; [w] ocorre somente diante de vogal nasal e [w̃] ocorre nos demais ambientes. Tem-se, então, o fonema / w / com três alofones.

[yaβilú] “gavião-tesoura” [wawi'yaʔ] “coruja” [wɛ' káhá] “urucum”

(X) [ɲ] ocorre somente diante de vogal nasal, em variação com [ɣ]; [y] ocorre nos demais ambientes (vogais orais). Tem-se, portanto, o fonema /y/ com três alofones:

[ɲʌpípi] ~ [ɣʌpípi] “amarelo” [iya'kúhá] “caxiri”

Finalmente, cabe acrescentar que o juruna apresenta tom contrastivo (baixo x alto) e acento lexical previsível pela alternância de tons, seguindo a regra: “Ocorre acento na primeira sílaba com tom alto da esquerda para a direita. Caso todos os tons sejam iguais, o acento recai sobre a última sílaba.” Além disso, o peso silábico também tem alguma importância na localização do acento. Na nossa escrita, o tom baixo e o acento não são marcados, e o tom alto é marcado pelo sinal agudo (FARGETTI, 2007a).

Reconstrução do sistema de consoantes do proto-juruna

proto-sistema	xipayá	juruna	dados
*p	p	p	amarrar, anzol, apertado, banana, banco, beiju, bicho-de-pé, bonito, cachorro, calango, canoa, carrapato grande, cavar, cocar, cupim, face, feijão, flauta, folha, fumo, gato, levantar/acordar, macaco, mamão, manhã, marimbondo, mingau doce, novo, o quê, osso, pacu, pai, parar, passear, pau, pegar, pesado, peso, piolho, piranha, pular, quebra/rachar, remédio, sangue, terra, tucunaré, vassoura
*p	p	h _a, _i, _u	arma, banco, banha, caminho/estrada, comida, espingarda, erva-do-pajé, facão, grande, homem, machado, pajé, pé/chinelo, pedra/faca, rabo, ralo, rastro, remo, tesoura, urucum
*p	h _u	h _u	arraia, assar, bêbado, buraco, cachoeira, cobra, comprido, conhecer, correr, grande, imbirá, ingá, mosca, mucura, noite, novo, porco, quente, roupa, tracajá, veado, urubu
*p	h _u	∅ _u	Espingarda
*p	p	∅	cavar, espelho
*p	ɟ _i	p	amarelo, peixe, surubim, traíra grande
*p	s _e, _i	p	asa, suor/suado, trabalhar
*b	b	b	anel, braço, cabeça/cabelo, camaleão, caminho/estrada, filha, fome, inchaço/machucado, marreco, matar (apenas um), muito, música/cantar, nádegas, paca, pé/chinelo, rastro, rede, semente
*b	b	m	Acabar
*b	m	b	pato-do-mato
*b	b	w	Asa
*b	b	∅	comida, curimbatá
*b	d	b	Índio

A proto-forma *p apresenta correspondência em ambas as línguas, nos dados da primeira linha. Na segunda linha em xipaya há /p/ e em juruna há /h/. Isso se explica por um processo de fricativização, que teria dado em juruna a consoante [ϕ], fricativa bilabial surda, principalmente em sílaba final e seguida de [a]. Posteriormente, tal som manteve-se em juruna apenas para sílabas com a vogal [u], em variação com [h], e, com as demais vogais, passou a ocorrer apenas [h]. Em xipaya, o processo ocorreu apenas para sílabas com a vogal [u], passando logo para [h], mantendo a proto-forma /p/ nas demais, como pode ser observado pelos dados da terceira linha. Já a quinta linha apresenta uma supressão no início da palavra “cavar” em juruna; na verdade, pode-se analisar tal fato pela ausência de reduplicação em juruna. Também houve supressão em “espelho”, em juruna; na verdade, a sílaba toda foi suprimida (desconhecem-se, no momento, as razões morfológicas para tanto). A sexta linha apresenta um processo de fricativização em xipaya, em que ocorreu a consoantepalato-alveolar, o que se explica pela vogal que a segue, [i], que é [+palatal]. Na sétima linha, ocorre também uma fricativização em xipaya, inclusive com mudança de ponto de articulação; isso se explica pelo contexto vogal [+alta] que pode ocasionar, em ambas as línguas, os dois processos.

Para a proto-forma *b há correspondência em muitos casos, nos vários contextos. Contudo, para o dado “acabar”, houve uma nasalização em juruna, que também ocorreu para o dado “pato-do-mato”, em xipaya. Para o dado “asa”, houve, para o juruna, a mudança de oclusiva para aproximante bilabial, em início de palavra; já para os dados “comida” e “curimbatá” houve a supressão do fonema em juruna. Com relação ao dado “índio”, houve uma mudança de ponto de articulação, num processo de posteriorização, passando de [b] para [d] em xipaya; tal análise pode ser comprovada, tendo-se em mente que “índio” em tupi antigo era *abá* (também significando “homem”), em que ocorria a bilabial; novamente, o processo ocorre diante de vogal [+alta].

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*t	t	t	amigo, banhar-se, batata, cabeça/cabelo, capivara, chupar, cobra, comida, curimbatá, correr, enterrar, esfregar, fome (ter fome), fria, gengibre, jabuti, lavar (parte), machado, mutum, pesado, peso, preto, rabo, rede, remo, sabiá-laranjeira, sangue, soluço, vagina
*t	t	ḵ _a, _u	face, gavião-tesoura
*t	t	tʃ	amadurecer, arco, assar, catarro/resfriado, carne, comer (intr.), doce, esfriar, flecha, fumo, ir, limpar, morder, morro, muito, peixe, pilar, queimar, traíra grande
*t	ʃ _a	tʃ	cuspe
*t	t	n	parar
*t	t	d _nasal	curto
*t	t	∅ #_V	estar assado
*d	d	d	azedar, espelho, esquecer, jaraqui, lamparina, lavar roupa, lembrar, longe, lua, noite, nós (excl.), ouvir, pé/chinelo, pegar, pesado, peso, puxar, quatro, quebrar/rachar, rã, rastro, sapo-boi, saúva vermelha, sol, surubim, tatu, tucano, velho
*d	d	∅	gato
*d	d _i	dʒ _i, _a, _u	facão, mãe, mucura, mulher, quatro, sucuri

Para a proto-forma *t, observa-se na primeira linha correspondência entre as duas línguas. Na segunda linha, observa-se, em dois dados, uma fricativização de /t/ em juruna, que apresenta a lateral fricativa sonora (foneticamente [ḵ]). Observe-se que a palavra para “face” também pode ser realizada com a consoante oclusiva ou com a fricativa. Contudo, no composto “lanterna grande” em juruna, persiste a forma com /t/ :

axí saasaka tapísá a-rahíhi

fogo ilumina tudo cara redonda-grande

“lanterna grande (fogo que ilumina tudo com cara grande e redonda)”

Além disso, Coudreau (1977), em 1896, registrou a forma com /t /; portanto, a mudança para [ḵ] pode ter sido recente na língua, uma vez que ainda persiste a forma antiga no referido composto. Já na terceira linha observa-se a ocorrência de palatalização em juruna, apresentando uma africada, com praticamente todas as vogais, processo que não ocorreu em xipaya e que em juruna já é mais antigo (Coudreau, final do século XIX e Nimuendaju, início do XX, já o haviam encontrado). Na quarta linha, ocorre uma palatalização em xipaya, no único dado “cuspe”; poderia se pensar em empréstimo aqui, dada a ausência do processo na

língua, em contraste com o juruna. Em “parar” observa-se uma nasalização da oclusiva em juruna e em “curto” observa-se, em juruna também, uma sonorização, em ambiente nasal.

Para a proto-forma *d houve quase total correspondência entre as duas línguas. Em juruna ocorre, como se observa na penúltima linha, a fricativização, produzindo a africada, em sílaba final e medial.

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*k	k	k	abóbora, açaí, algodão, amanhã, apertado, arco, arma, árvore, banana, banco, banha, beija-flor, brigar, buraco calango, camaleão, canela, cansado, caraíba, carrapato grande, casa, colocar, comer (intr.), coruja, cupim, curimatá, cuspe, dar, deitar, doméstico, doce, enterrar, erva-do-pajé, esfregar, esfriar, espingarda, esquecer, espinho, falar, fazer, ferver, festa/dança, flecha, fome (ter), fria, furar, gavião, gengibre, ilha fluvial, jabuti, jacamim, lagarto, lamparina, lavar roupa, lembrar, levantar (acordar) limpar, língua/idioma, lua, mandioca, manhã, marimondo, matar, mato, milho, mingau doce, mutum, noite, osso, pacu, passear, pavão, pedra/faca, pegar, pilar, piolho, piranha, preto, pular, quente, rã, remar, remo, rir, roça, roupa, sal, sapo-boi, saracura, sentado, sol, soluçar, soluço, suor, tesoura, tipiti, trabalhar, um, urina, urubu-rei, urucum, ver
*k	k	h	perder(algo)
*k	∅	k	resina (para fixar plumas no cabelo)
*g	k	g ~ k	comer, fome, lua, matar, pedra/faca, rir, sentar, sol

A proto-forma *k encontra correspondência praticamente total nas duas línguas, em todos os contextos. Há apenas as exceções “perder”, que em juruna apresenta a fricativa /h/ (observe-se que isso ocorre diante de /u/), e “resina”, em que não ocorre /k/ em início de palavra em xipaya (observa-se também em juruna a supressão da segunda sílaba, que consta em xipaya). Ainda há que se considerar a diferença que, em xipaya, a palavra para “soluçar” contém reduplicação, que pode ou não ocorrer em juruna, dependendo do sentido (reiteração).

Contudo, observando dados do juruna coletados por autores do passado, postulamos que houve, até pouco tempo atrás (década de 1960), em várias palavras, variação entre [k] e [g]. Já no final da década de 1970 (LOURO, 1979), essa variação não era mais notada. Hoje, em juruna, há apenas o empréstimo [gwa’rúpi] com a consoante [g]; contudo, devido à sua ocorrência anteriormente registrada, nós postulamos a sua existência na proto-língua como um fonema.

Coudreau (1896)		Fargetti (a partir de 1989)	
carigadá		lakarikáda	'rir'
batagá		batáká	'fome'
tiá mangu		tʃa máku	'não vá'
mandegá		mãdíká	'lua'
bagutê		abákú te	'ele o matou'
acá		aká	'casa'
carucá		karuká	'urina'
carucu		karuku	'urinar'
cupili		kupéri	'trabalhar'
carapatia		karapa tʃa	'vá passear'
cuadê ~ guade		kuadí	'sol'
cuapá ~ guapá		kuahá	'pedra; faca'

Observa-se nos dados acima, que, no final do século XIX, havia contraste entre / k / e / g /, o que não ocorre mais a partir dos registros de Fargetti, e nos dois últimos dados, observa-se, já no século XIX, a variação entre / k / e / g /, num início de perda do contraste, que ocorreria posteriormente.

Ocorrências como essas também foram notadas no juruna por Nimuendaju (1931), entre 1916 e 1917.

Nimuendaju (1916, 1917)		Fargetti(a partir de 1989)	
maniacá		mayáká	'mandioca'
apiága		apiáka	'marido'
ɓantjga ~ ɓantjka		mãdíká	'lua'
čógu ~ čukú anu		etʃúkú anu	'ele comeu'
abjgu ~ abjku		abíku	'Ele sentou'

Pelos dois primeiros dados, observa-se contraste entre / k / e / g / e nos demais, observa-se “variação livre”. Essa variação é observada em Villas Bôas e Villas Bôas (1989) e Collins (1962), ambos por volta da década de 1960.

Para o xipaya, observa-se que Nimuendaju (1923) arrola / g / entre as consoantes da língua, embora em tal texto não haja exemplos de ocorrências do fonema. Há, contudo, alguns exemplos em sua lista de palavras (NIMUENDAJU, 1929), que podem fazer pensar em variação, já em decadência, entre [k] e [g] em xipaya também no início do século XX. Os dados são: ãsŨiúga ~ ensiúga “orelha”, iãsŨiúka “orelha dele”, ensŨiúka kua “ouvido (lit. “buraco da orelha”), iti dji tpa he du iãsŨiúga he “ele tem penas nas orelhas”, iãsŨiúga uà “surdo (lit. “sem orelha”). Nos registros de Carmen Rodrigues, não ocorre [g] em xipaya, apenas [k].

Assim, postulamos que o fonema /g/ ocorreu no proto-juruna, passou por um momento de variação, tendo sido posteriormente substituído totalmente pelo fonema /k/.

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*ʔ	∅ _a, _ã, _Valta	ʔ	aqui, arroz, árvore, avô, avó, cheiroso, dinheiro, entrar, esfriar, fígado, fumaça, mato, matrinhã, olho, pilão, porco-espinho, tracajá, vassoura, veado, voar
*ʔ	h # _e	ʔ	morrer, pilão
*ʔ	y _Vnasal, _a, _i	ʔ	anel, chorar, dinheiro, estar triste
*ʔ	S _a, _Valta, _u	ʔ	aqui, cará (planta), entrar, molhar, tatu
*ʔ	t _u	ʔ	estar triste

Na primeira linha, temos a ocorrência da glotal em juruna e sua não ocorrência, fonologicamente, em xipaya, ou seja, *ʔ > ∅, nessa língua, o que ocorre na maioria dos exemplos; nos demais casos, há sua mudança em /h/, /y/, /s/ e /t/, em contextos fonológicos apresentados na tabela acima. Contudo, há três palavras em que a oclusiva glotal manifesta-se foneticamente em xipaya: nas palavras “arroz” e “avó”, em que ocorre entre seqüências de vogais não permitidas na língua (cf. sumário fonológico), e na palavra “porco-espinho”, em que aparece no início da palavra, embora este seja o único exemplo em que tal segmento ocorre nesse contexto. Assim, os dados já referidos são um indício de que, diacronicamente, o que aconteceu em xipaya foi uma restrição de ocorrência da oclusiva glotal, sendo realizada apenas em contextos específicos, devido a um condicionamento fonotático da língua. No entanto, em juruna, tal restrição não ocorreu. Assim, podemos postular a existência de /ʔ/ no proto-sistema.

Na primeira linha da tabela, observa-se a ausência da oclusiva glotal em xipaya, em praticamente todos os contextos. Na segunda linha, observa-se que, em xipaya, ocorreu uma fricativização da oclusiva palatal, dando [h], em início de palavra, processo que ocorre em juruna, em posição inicial e final de algumas palavras, em que há variação com a oclusiva glotal (cf. exemplos no sumário fonológico). Na terceira linha, ocorreu uma mudança em xipaya para a aproximante palatal, após vogal nasal e /i/ e diante de /a/. Na linha seguinte, observa-se em xipaya a mudança para /s/, em vários contextos, mas principalmente, em sílaba medial. E na última linha, ocorreu em xipaya a mudança para a aproximante bilabial, em ambiente nasal.

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*m	m	m	açaí, afundar, agora, algodão, amigo, amolar, avô, aquele, bravo, cebola, chuva, colocar, corda, deitar, doméstico, espinho, facão, falar, ficar em pé, filha, fumo, gengibre, joelho, lagarto, língua/idioma, lua, lugar, macaco, mandioca, marido, mau, milho, noite, peito/seio, quem, sozinho, tatu canastra, tipiti, um, vassoura
*m	∅	m	amigo, esquecer, lanterna
*m	m	n	outro
*m	n	m	afundar, tipiti
*m	m	h _V nasal	arco, lugar
*m	m	w _Vnasal	urucum
*n	n	n	açaí, anzol, aquele, camaleão, cheio, chuva, comprido, esposa, estar com vergonha, eu, falar, fezes, furar, homem, língua, manhã, marido, peito(seio), preto, um, você, vomitar
*n	n	y _u	amarrar (a rede), tatu canastra
*n	n	h _ã	ilha

Pela primeira linha observa-se a proto-forma *m em total correspondência nas duas línguas. A seguir, observa-se na palavra “outro” uma mudança de ponto de articulação em juruna, num processo de posteriorização. Já nas palavras “afundar” e “tipiti” é em xipaya que tal processo ocorre. Em “arco” e “lugar”, ocorre uma fricativização, em ambiente nasal, que se supõe tenha ocorrido como $*m > \phi > h$ (a nasal tornando-se fricativa bilabial e posteriormente glotal), em juruna. Já em “urucum” houve uma passagem de nasal para aproximante, bilabial, em juruna. Em relação a /h/, observe-se que, conforme dados coletados por Nimuendaju (1931, p.583), a forma para “arco” era realizada, naquele momento, $tʃukãpá \sim tʃokãhá$. Sendo assim verifica-se que, inicialmente, $*m > p$ e, posteriormente, $*p > \phi > h$ (a oclusiva bilabial passando a fricativa bilabial e depois a fricativa glotal), postulando-se, portanto, um estágio em que $*p > \phi$ – fenômeno aparentemente freqüente na língua.

Já a proto-forma *n, pelo que se observa na sétima linha, também tem quase total correspondência nas duas línguas. Para os dados “amarrar” e “tatu canastra”, apresenta, em juruna, também a aproximante palatal, junto a vogal posterior oral ou nasal. Neste último caso ocorre em variação com a consoante nasal [ɲ], o que faz pensar também em posteriorização. O dado “ilha” apresenta semelhança com o que foi discutido para “arco” e “lugar”, na proto-forma *m: ocorre uma fricativização, junto a vogal nasal, que se supõe tenha ocorrido como $*n > \phi > h$ (a nasal tornou-se fricativa bilabial e posteriormente glotal), em juruna.

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*l	y _a	ɬ	afundar, arraia, brigar, castanha, quebrado, rir
*l	∅ _a, _u	ɬ	abelha/mel, semente, verde
*l	r ~ z _Vnasal	ɬ	gaiivota
*l	t _u	ɬ	gavião-tesoura
*l	z _a, _u	ɬ	marreco, nós(excl.), porco, cair (chuva)

A lateral fricativa alveolar sonora, nos cognatos encontrados, realiza-se como aproximante palatal em xipaya, nos dados da primeira linha, no contexto diante de /a/, o que mostra que houve na língua uma mudança para aproximante e uma posteriorização no ponto de articulação. Nos exemplos da segunda linha, ocorre a lateral em juruna, mas não ocorre nenhum segmento consonantal, fonologicamente, em xipaya (diante de /a/ e de /u/). Contudo, como em xipaya não pode ocorrer seqüência de duas vogais, na verdade, foneticamente, no lugar da lateral do juruna, há a oclusiva glotal em xipaya. Explica-se esse caso pela perda da lateral fricativa, e, sem poder ocorrer a aproximante, para evitar a seqüência de vogais, a língua resolveu a questão com a oclusiva glotal. Na terceira linha, observa-se a mudança, em xipaya para /r~z/, no contexto diante de vogal nasal. Nas linhas seguintes, observa-se a mudança para /t/ e /z/, diante de /u/, e de /a/ e /u/, respectivamente.

Apesar de não ter sido encontrada a lateral fricativa sonora em xipaya, ela ocorre hoje freqüentemente em juruna e também foi documentada nessa língua pelos autores anteriores, como Coudreau (1977), que usava para ela **l** ou símbolos com diacrítico: **z'**, **dz**

Coudreau (1886)

fulá-bá-á
aúz'a
dz'ané bê

Fargetti (a partir de 1989)

hulá báha "caminho do porco (Via Láctea)"
awilá "abelha, mel"
l-á na e-bé "eu te amo"
2s-amar 1s 2s-dat

Nimuendaju (1916-1917) também documentou a lateral, dando para ela o símbolo com diacrítico: **z**

Nimuendaju (1916-1917)	Fargetti (a partir de 1989)	
ṣoṣá	hulá	'porco do mato'
ibṣá	ibilá	'semente (dele)'
kuazá	kualá	'aldeia'
awṣá	awilá	'abelha, mel'
tapiṣa, seṣapiṣa	selapísá	'nosso rosto'

Da mesma forma Villas Bôas (meados de 1960), que a simbolizou com: **l**

Villas Bôas (meados de 1960)	Fargetti (a partir de 1989)	
la-pêta	lapétá	'seu sangue'
lacaricadá	lakarikadá	'rir'
ladú	ladú	'trocar'
lapicú	lapíkú	'quebrar'
alunendé	alú ne dé	'por quê?'

Em Collins (1962) há ocorrências da lateral ora grafada como **l**, ora como **ḏ**.

Collins (1962)	Fargetti (a partir de 1989)	
kopṣa'ḷə?	kuhalá	'verme, minhoca'
ṽḷə'məiṣiçə	ulu-mé pítxa	'nosso peixe (excl.)'
pṣuḏa	hulá	'porco'
i'ḏə?	izá	'nome (dele)'
akidú?	akílú	'verde'

Em Louro (1979), há registro de fricativa dental sonora (nasalizada ou não), que, na verdade, podemos interpretar como a lateral fricativa sonora; o autor a simbolizou como **ḏ ḏ**. Alguns exemplos:

Louro (1978)	Fargetti (a partir de 1989)	
ḏeʔa	leʔá	"seu olho"
'ḏadu	la'ḏú	"trocar"
ibi' ḏa	ibilá	"semente"

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*s	s	s	abano, acabar, espelho, farinha, ficar em pé, homem, nascer/sair, pele, quatro, vocês
*s	s	∅ # _	fezes, folha, mulher, olho
*s	z -a#	s	face/rosto
*z	z	z	barriga, canoa, cocar, pajé, ver
*z	z	∅ # _	Urubu

Na primeira linha, observa-se que houve total correspondência entre as duas línguas para a proto-forma *s. Na segunda, ocorreu a queda do fonema em juruna em início de palavra. Na terceira, ocorreu uma sonorização do fonema, em xipaya, entre as vogais /i/ e /a/, mantendo o mesmo ponto de articulação.

Para a proto-forma *z na quarta linha houve total correspondência entre as duas línguas e na quinta linha, observa-se, também em início de palavra, e diante de /u/, a queda do fonema, em juruna.

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*ʃ	ʃ	ʃ	agora/hoje, azedar, beija-flor, chifre, comer (tr.) cuia/cabaça, fogo, fumaça, gato, melancia, nádegas, pequeno, queimar, sabiá-laranjeira

Observa-se, nos dados acima, total correspondência nas duas línguas, para a proto-forma *ʃ, nos diversos contextos.

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*r	ɾ	r	abóbora, açaí, andorinha, arara vermelha, bêbado, beija-flor, beiju, bicho-de-pé, brigar, buraco, calango, camaleão, cansado, caraíba, carrapato grande, catarro/resfriado, cebola, cortar, curimbatá, curto, cuspe, erva do pajé, espinho, esteira, fazer, ferver, festa, flauta, forte/duro, gengibre, grande, ingá, jabuti, jacamim, jaraqui, lagarto, macaco, melancia, molhar, mosca, nambu, novo, passear, pavão, pular, rã, remar, rir, sabiá-laranjeira, saracura, suor, surubim, tatu canastra, trabalhar, tucano, tucunaré, urina, urubu-rei, velho

Para a proto-forma *r, propõe-se, segundo os dados acima, o seguinte processo diacrônico: r > ɾ / _ u > ɾ. Em xipaya, o processo de retroflexão teria ocorrido totalmente, passando da ocorrência junto a vogal [u], para a ocorrência em

todo contexto (demais vogais). Já o juruna teria passado apenas por uma parte do processo, apresentando [r] somente junto a vogal [u] e [r] com as demais vogais (cf. sumário fonológico para exemplos).

proto-sistema	xipaya	juruna	dados
*w	w	w	abelha, agulha, arara vermelha, arroz, beber, cará (planta), cebola, chegar, forte/duro, gavião tesoura, guariba, melancia, quati, rabo, remédio, vagina, vir/chegar
*y	y	y	água/rio, aldeia, amarelo, beija-flor, calango, cebola, dente, gengibre, ilha, flecha, lugar, mamão, mandioca, mingau, sal
*y	y	z	nome
*y	∅	y	cheiroso

Para a proto-forma *w, ocorre a total correspondência entre as duas línguas.

Para a proto-forma *y, a correspondência é quase total em ambas línguas. No entanto, na palavra para “nome”, ocorre uma fricativização em juruna, com mudança de ponto de articulação, numa anteriorização. E em xipaya, tem-se a supressão da aproximante palatal em apenas um exemplo. No dado “feijão” (cf. lista de cognatos), em xipaya, ocorre a perda da vogal da primeira sílaba e uma silabificação da aproximante: puyu > p_yu > piu. De modo semelhante, tem-se a perda desse fonema em xipaya, no dado “cheiroso”, em que ocorre a supressão da oclusiva glotal (iyu?u > iyu), em seguida o fenômeno da crase (iyu > iyu), e, posteriormente, a fusão da vogal /i/ e da aproximante palatal /y/, devido à semelhança articulatória (iyu > iyu) dos dois segmentos. Contudo, em xipaya, tem-se também o acréscimo de uma aproximante bilabial no início da palavra: wiu.

Conclusão

Tendo analisado os 297 cognatos listados entre as duas línguas, chegamos ao seguinte quadro de consoantes do proto-juruna:

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b	t d		k g	ʔ
Nasal	m	n			
Tepe		r			
Fricativa		s z	ʃ		
Lat.fric		ʃ			
Aprox.	w		y		

Entre as oclusivas, observa-se em *p uma fricativização ora em juruna, ora em xipaya, nos contextos _a, _i, _u e #_u. É interessante a tendência a uma posteriorização do ponto de articulação, condicionada pelo contexto vogal [+alta]. Em *t e *d observa-se que, principalmente em juruna, há uma tendência à palatalização, com predominância de africadas; processo que talvez ainda se inicie em xipaya.

Para as oclusivas velares, *k encontra praticamente total correspondência nas duas línguas e *g foi postulado pela observação de dados coletados por outros autores, remontando a uma oposição e variação [k~g] desde o século XIX.

A oclusiva glotal, embora exista foneticamente, não tem status fonológico em xipaya, mas é contrastiva em juruna, e por isso postulamos sua restrição, com posterior perda em xipaya e a existência da protoforma *ʔ. Quanto às nasais, postularam-se *m e *n, observando-se também mudança do ponto de articulação, num processo de posteriorização, e a mudança, em alguns casos, para fricativas.

Postulamos a proto-forma *l, a lateral fricativa sonora, devido a sua ampla ocorrência no juruna atual, e em outras épocas, como documentado por autores desde o século XIX. Para as fricativas, *s e *z têm praticamente total correspondência nas duas línguas, bem como *ʃ. A fricativa /h/ não foi considerada no proto-sistema, por analisá-la como ocorrência de *p, uma vez que /p/ em xipaya corresponde, em vários exemplos, a /h/ em juruna, num processo de fricativização. Há exemplos, contudo, em que há /h/ tanto em juruna quanto em xipaya, mas estão circunscritos ao contexto diante de /u/, o qual em juruna pode ocasionar a variação [h ~ϕ]. Nesse caso, postulamos que *p > ϕ > h.

Para *r, observa-se a ocorrência /r/ em juruna e /r̥/ em xipaya. A retroflexa, em juruna, ocorre somente diante de /u/, percebendo-se que em xipaya a retroflexão foi total:

$r > \text{r} / _u > \text{r}$. Já as aproximantes apresentam quase que total correspondência nas duas línguas, com um único dado apresentando fricativização dessa protoforma,,em juruna, a proto-forma *y : *y > z.

Este trabalho de reconstrução pretende colaborar com estudos histórico-comparativos, em especial com a discussão sobre o proto-tupi. Aryon Rodrigues (2007), em texto em que propõe o proto-sistema consonantal do tronco tupi, afirma que, apesar de ter contado com boas análises para as línguas das famílias em questão, reconhece que “o mais adequado seria proceder primeiramente à reconstrução das proto-línguas das diversas famílias que abrangem mais de uma língua, como a Tupari, a Monde, a Juruna, a Munduruku”. Dessa forma, este estudo pode lançar luzes sobre processos de mudança ocorridos em famílias linguísticas não-tupi-guarani, e, possivelmente, contribuir para reanálises ou confirmações de hipóteses para o proto-tupi. Em especial, aqui se apresenta a série das oclusivas sonoras, ausente na reconstrução do proto-tupi referida, que se justificam no proto-juruna e não podem ser tidas como reflexos de pré-nasalizadas, reconstruídas como oclusivas surdas, porque as pré-nasalizadas não ocorrem em juruna, nem em xipaya¹⁰. Além disso, como se pode observar, postulamos três fricativas e uma lateral fricativa sonora no proto-juruna, o que Aryon Rodrigues não postula no nível de tronco. Mas é de se pensar que **rj (descrita por Aryon Rodrigues (2007) como flap alveolar sonoro palatalizado)¹¹ poderia ter sido reconstruído, na verdade, como a lateral fricativa sonora, uma vez que em todos os exemplos arrolados nessa reconstrução de proto-tupi, em juruna se tem a lateral fricativa sonora. Ocorreria em outros dados nas línguas das outras famílias do tronco tupi?

Enfim, ainda há um bom caminho pela frente e, como afirma, inclusive, o Prof. Aryon Rodrigues, necessitamos de uma quantidade maior de dados lexicais comparáveis, em todas as línguas tupi, pois bem poucas apresentam dicionários ou vocabulários. Nesse sentido, os vários projetos lexicográficos que começam a surgir, como os que ora se propõem para o juruna e para o xipaya, por exemplo, são também justificados pelas necessidades das investigações histórico-comparativas.

FARGETTI, C. M.; RODRIGUES, C. L. R. Xipaya and Juruna consonants – looking for a proto-system. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.2, p.535-563, 2008.

- *ABSTRACT: This paper aims to present the proto-juruna consonants reconstruction hypothesis by analyzing 297 Xipaya and Juruna cognates, collected both by the authors and other*

¹⁰ Em xipaya, Carmen Rodrigues (1990) postula [mb] e [nd] fonéticos, devidos ao espriamento da nasalidade da esquerda para a direita. São considerados alofones de [b] e [d], respectivamente. Em juruna, as pré-nasalizadas não ocorrem, inclusive porque a nasalidade espraia da direita para esquerda (FARGETTI, 2007b).

¹¹ O autor utiliza dois asteriscos para marcaras proto-formas do proto-tupi, diferenciando da marcação com um asterisco das proto-formas do proto-tupi-guarani.

researchers. Xipaya and Juruna are the two surviving languages of Juruna family. Manitsawá, already extinct, was also part of this language family. The first language has been studied by Carmen Rodrigues since 1988; the second by Cristina Fargetti since 1989. Their studies are the first linguistic approach to these languages, because the previous data were basically word lists (with an exception of the brief grammatical description made by Nimuendaju (1923) and a Juruna phonology synopsis made by Louro (1979)). Particularly, this paper (i) presents information about speakers of both languages nowadays; (ii) describes the Juruna linguistic family classification and the Xipaya and Juruna status today (languages or dialects?); (iii) discusses the separation hypothesis of peoples; (iv) presents the analytic methodology; (v) presents both phonological summaries with the current consonants, the reconstruction, including diachronic processes, of the consonant proto-system, and the cognate list.

- **KEYWORDS:** Consonants. Proto-system. Juruna family. Tupi branch.

Referências

COLLINS, I. V. *Formulário dos vocábulos padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas brasileiras*. Rio de Janeiro: Museu Nacional; UFRJ, 1962.

COUDREAU, H. A. *Viagem ao Xingu*. Apresentação de Mário Guimarães Ferri e tradução de Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977. (Coleção reconquista do Brasil, v.49).

FARGETTI, C. M. *Estudo fonológico e morfossintático da língua juruna*. Muenchen: Lincom-Europa, 2007a. (Série Lincom Studies in Native American Linguistics, 58).

_____. Nasalidade em juruna. In: A ESTRUTURA DA LÍNGUAS AMAZÔNICAS: FONOLOGIA E GRAMÁTICA, 2007, Manaus. *Anais...* Manaus: UFAM, 2007b. 1 CD-ROM.

_____. Breve história da ortografia da língua juruna. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, n.3, p.123-142, jun. 2006.

_____. *Análise fonológica da língua juruna*. 1992. 124f. Dissertação (Mestrado em Linguística)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

LIMA, T. S. Yudjá. In: *ENCICLOPÉDIA Povos Indígenas do Brasil*. São Paulo: ISA, 2001. Disponível em: <www.socioambiental.org>. Acesso em: 4 fev. 2008.

_____. *A parte do cauim: etnografia juruna*. 1995. 480f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

LOURO, R. L. *Formulário dos vocábulos padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas brasileiras*. Rio de Janeiro: Museu Nacional; UFRJ, 1979.

NIMUENDAJU, C. Tribes of the lower and middle Xingu river. In: STEWARD, J. H. (Ed.). *Handbook of South American Indians*. Washington: United States Government Printing Office, 1948. v.3, p.203-343. (The tropical forest tribes).

_____. Idiomas indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, Tucumán, t. II, p.543-589, 1931.

_____. Wortliste der Šipáia-Sprache, *Anthropos*, Brno, n.24, p.821-896, 1929.

_____. Sur Sprache der Šipáia-Indians, *Anthropos*, Brno, n.18-19, p.836-857, 1923.

OLIVEIRA, A. E. de. Os índios juruna do Alto Xingu. *Dédalo*, São Paulo, ano VI, n.11-12, jun./dez. 1970.

PATRÍCIO, M. M. Xipaya. In: *ENCICLOPÉDIA Povos Indígenas do Brasil*. São Paulo: ISA, 2003. Disponível em: <www.socioambiental.org>. Acesso em 4 fev. 2008.

RODRIGUES, A. D. As línguas “impuras” da família Tupi-Guarani. Separata de: *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*, São Paulo, n.2, p.1055-1071, 1955.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. As consoantes do Proto-Tupí. In: RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. (Org.). *Línguas e culturas Tupi*. Campinas: Curt Nimuendaju; Brasília: LALI/UNB, 2007. v.1. p.167-204.

RODRIGUES, C. L. R. *Etude morphosyntaxique de la langue Xipaya (Brésil)*. 1995. 274f. Thèse (Doctorat en Linguistique)- U. F. R. Lettres, Arts et Cinéma, Université Paris VII, Paris, 1995.

RODRIGUES, C. L. R. *Langue Xipaya: étude phonologique*. 1990. 40f. Dissertação (Master en linguistique)-U. F. R. Lettres, Arts et Cinéma, Université Paris VII, Paris, 1990.

STEINEN, K. von den. *O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do Rio Xingu*. Tradução de Catarina Baratz Cannabrava. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

VILLAS BÔAS, C.; VILLAS BÔAS, O. *Xingu: o velho Káia conta a história do seu tempo*. Porto Alegre: Kuarup, 1989.

Recebido em março de 2008

Aprovado em junho de 2008

ANEXO

ANEXO A – LISTA DE COGNATOS

	PORTUGUÊS	XIPAYA	JURUNA		PORTUGUÊS	XIPAYA	JURUNA
01	abano, leque	susu	súsú	41	banhar	etaeta	táeta
02	abelha, mel	wia	awilá	42	barriga	-wáza	-wázá
03	abóbora	kuṛua	kurúá	43	batata	taṇ	atáú
04	acabar	base	másehu	44	bêbado	aṛehu	arehu
05	açai	manakúṛa	manakúrá	45	beber	wi	awí
06	afundar	yamíni	lamúmi	46	beija-flor	yákuṛiṛi	yakuriṛi
07	agora, hoje	máfi	mafi	47	beiju	páṛu	apáru
08	água, rio	iya	iyá	48	bicho-de-pé, pulga	piṛa	piṛá
09	agulha	awi	awí	49	bonito	pia	ipíá (não humanos)
10	aldeia, cidade, lugar	yamá	yamá	50	bravo	mamá	mama
11	algodão	makua	makúá	51	brigar	yakaṛiku	lakáṛiku
12	amadurecer	úpata	upatja	52	buraco	karahu	karahú
13	amanhã	kaukade	kahukáde	53	cabeça, cabelo	-taba	-tabá
14	amarelo	yṛji	yṛpípi	54	cachoeira	hu	ehú
15	amarrar	parí	apayú(a rede)	55	cachorro	apí	apí
16	amigo	maitúma	-mamítéma	56	cair	aza	ala (para chuva)
17	amolar	mí	ímí	57	calango	yákuṛupa	yakurupá
18	andorinha	úṛu	uru	58	camaleão	kānabáṛe	kanābaré
19	anel	bayá	beṛa	59	caminho, estrada, rua	-bapa	bahá
20	animal de estimação	makua	-maká	60	canoa	píza	píza
21	anzol	piná	piná	61	cansado	kusíṛi	kupéṛi
22	apertado	piku	pikú	62	capivara	ata	atá
23	aquele	áni	aní	63	cará (planta)	wasa	awáṛá
24	aquele	ámí (este)	amí	64	caraiba (não índio)	kaṛai	karai
25	aqui	asi	ṛaṛi	65	carne	-ata	atjá
26	arara azul	warawara	tjararúá	66	carrapato	kupáṛemá	kupáṛi
27	arara vermelha	aṛawí	urawí	67	casa	aka	aká
28	arco	tukáma	tjukáhá	68	castanha	iyá	elá
29	arma	ukápa	ukáhá	69	catarro	túturu	tjutjuru (resfriado)
30	arraia	yáhu	lahu	70	cavar	pípi	upí
31	arroz	awatjii	awatjiri	71	cebola	yawáṛéma	yawarémá
32	árvore, mato	kaa (mato)	kaṛá	72	chegar, vir	wí	wí
33	asa	-séba	-pewa	73	cheio	naneu	naniú
34	assar	atuhu	atjuhu	74	cheiroso	wíu	iyúṛú
35	avó	aae	ṛaṛai	75	chifre	-ajá	ajá
36	avô	eámi	ṛaṛámí	76	chorar	ya	eṛáṛ
37	azedar	fadi	ijadi	77	chupar	tutu	itutu
38	banana	pakuá	pakua	78	chuva	mana	amáná
39	banco	pikápa	pikáhá	79	cobra	huta	hutá
40	banha	-kápa	-kahá	80	cocar	apíza	apiza

81	colocar	máku	máku	124	ferver	kúra-kúra	kurakurá
82	comer (int.)	etúku	etjúkú	125	festa, dança	kaña	kaniá
83	comer (tr.)	ju	ijú	126	fezes	-súna	uná
84	comida	bitápa	utaha	127	ficar em pé	maseu	mísu
85	comprido	náuhu	anáúhu	128	figado	-bia	-bi'á
86	conhecer, saber	bahu	ubahú	129	filha	-mabia	-mábía
87	corda	náma	inamá	130	flauta (gen.)	pãre	paré
88	correr	tahu	tahú	131	flecha	tukáya	tjukáyá(tipo)
89	cortar	akíñi	akíñi	132	flor	-batea	-batjñá
90	coruja (gen.)	kuyuhu	aku'ú	133	fogo	aji	ají
91	cuia, cabaça	jia	ja	134	folha	-supa	-úpá
92	cupim	kupa	kupá	135	fome	batáku	bátáká
93	curimbatá	kiribata	kiriata	136	forte/duro	wárit	wárit
94	curto	yatuñi	idúñi	137	fumaça	jiá	ajjñá
95	cuspe	kuriñá	-kurtjñá	138	fumo	pitíma	pitjímá
96	dar	kua	kua	139	furar	náku	unákú
97	deitar	máku	máku	140	gaivota	aã, azã	alã
98	dente	-ayã	-ayá	141	gato	pijáda	pijá
99	depois	tãde	tãde	142	gavião	hiku	ekú
100	dinheiro	biabñya	ibi'ñabi'ña	143	gavião tesoura	wiwitu	yawilú
101	doce	etákñ	etjákñ	144	gengibre	kumaratáya	kumaratáyá
102	doméstico	makua	maká	145	grande	úrahu	uráhu
103	enterrar, plantar	katú	katú	146	grande	urapipi	urahíñi
104	entrar	esu	ʔe'ñi	147	guariba	wára	wará
105	erva do pajé	piñiñiku	huririñiku	148	homem	senapi	senahí
106	esfregar	ñiku	ikúñikúñi	149	ilha	iyakána	iyakáhá
107	esfriar	taku	itjãrákú	150	imbira	ehua	ehua
108	espelho	sãududupa	sãdudú	151	inchaço, machucado	ebi	ebí
109	espingarda	hukápa	ukáhá	152	índio	adi	abí
110	espinho	makúñu	makurú	153	ingá	hure	hure
111	esposa	-ania	-aniá (fala masculina)	154	ir	ta	tja
112	esquecer	kudañ	mákudañ	155	jabuti	takurãre	takururé
113	estar assado	eatúhu	uhu	156	jacamin	kãñre	kayurí
114	estar com vergonha	ñi	inñú	157	jaraqui	aredui	aredui
115	estar triste	yatúhu	ʔe'ñuhñ	158	joelho	-mã	-ma'ã
116	esteira	babáru	babarú	159	lagarto	kurumã	kurumã
117	eu	úna	una	160	lamparina	ñika	mãñiká
118	facção	medípa	medjñhá	161	lavar	tutu	itútú (lavar parte)
119	face, rosto	-tapiza	-tapisá, lapisá	162	lavar (roupa)	dáku	idákú
120	falar	kamenu	kamenú	163	lembrar	kudu	kudu
121	farinha	asa	asa	164	levantar	paku	paku (acordar)
122	fazer	kañku	kãñiku	165	limpar	ñiku	itñiñiku
123	feijão	piu	puyú	166	língua(idioma)	kamena	kamena

167	língua (parte do corpo)	-knā	-kuá	211	pai	-pa	-pá
168	longe	diāu	adítú	212	pajé	ziapa	izíáha
169	lua	mādikā	mādiká	213	parar	pitu	piná
170	lugar	yamā	yáhá	214	pássaro	iti	ufíji
171	macaco prego	yāpārūmā	perumā	215	passar	karapa	karápá
172	machado	pitápa	pitáhá	216	pato-do-mato	yārāme	yarābé
173	mãe	-diā	-d3á	217	pau	-ipa	-epá
174	mamão	yŋpāyŋpā	yŋpáyŋpa	218	pavão	karārā	kararā
175	mandioca	mayaka	mayáká	219	pé, chinelo, sapato	-bidapa	-bidaha
176	manhã	kapahinaku ~ kapainaku	kaapáhinaku	220	pedra, faca	kuapa	kuaha
177	mão, dedo	-ba	-wá	221	pegar	padiku	pidíki
178	marido(companheiro)	-ménā	-mená	222	peixe	fiá	pitja
179	marimbondo	kapa	kapá	223	pele	-sa	-sa
180	marreco	bazaza (pato)	balalá	224	pequeno	fíŋ	-fíji
181	matar	abáku	abákú (apenas um)	225	perder (algo)	makua	imáhua
182	matrinchá	biui	biuŋ	226	pesado	padetu	ipadétú
183	mau	mēu	meú	227	peso	padeta	padetá
184	melancia	waraji	waraji	228	pica-pau	wáre	wári
185	milho	makati	makaji	229	pillão	heā	ʔe ʔá
186	mingau doce	yakúpa	yákúpá	230	pilar	takú	utjakú
187	molhar, molhado	súru	ʔiʔúru	231	piolho	kípa	kípá
188	morder	tu	atjú	232	piranha	pakí	pakí
189	morrer	heyā	ʔeʔá	233	porco	huza	hulá
190	morro	tua	tjúá	234	porco-espinho	uí	ʔuŋ
191	mosca	húrŋ-hufŋ	huhurŋ	235	preto	tinikí	itiniikí
192	mucura	kuhudi	hudsíhudsí	236	pular	piŋriku	piŋriikú
193	muito	túbi	itjibí	237	puxar	di	dedu
194	mulher	sidia	iíd3a	238	quati	awí	awí
195	música, cantar	biya	abiá	239	quatro	duad3use	duad3úse
196	mutum	taku	takú	240	quebrado	yapíku	lapidú
197	nádegas	-fibia	-fibiá	241	quebrar, rachar	apídu	apidú
198	nascer, sair	jā	sá	242	queimar	tufi	tjufi
199	noite	kamādihu	kamadéhú	243	quem	ma	má
200	nome	-yá	-zá	244	quente	kúhu	akúhú
201	nós (excl.)	uzudí	uluʔudí	245	rã	kuradada	kuracadá
202	nós (incl.)	i	sí	246	rabo	-watapa	-wátáha
203	novo	párahū	párahū	247	ralo	bípa	baeha
204	o que	apa	apá	248	rastro (de gente e de bicho)	-bidapa	-bidahá
205	olho	-séa	-eʔá	249	rede	yābata	ābátá
206	osso	-pákí	-pakí	250	remar	urúku	úruku
207	outro	mamá	naná	251	remédio	wapa	wapá
208	ouvir	edú	edú	252	remo	kutapa	kutaha
209	paca	bí	baŋ	253	resina	aŋdikā	kadiká
210	pacu	pakui	pakúí	254	nr	yakáriku	lakáriku

255	ioça	kua	kúá	277	trabalhar	kusíri	kupéri
256	roupa	húka	éhuka (vestido)	278	tracajá	huí	huífi
257	sabiá-laranjeira	tuɾufáɾi	tuɾufáɾi	279	traíra grande	fiti	pitfi
258	sal	yukídi	yukídi	280	tucano	yádadarí	yadadarí
259	sangue	-apéta	-apeta	281	tucunaré	párea	parí
260	sapo-boi	kududu	kududú	282	um	meméhinaku	meméhinaku
261	saracura	táɾáku	farákú	283	urina	-kaɾukápa	-karúkú
262	saúva-vermelha	ida	edá	284	urubu	kuzuhu	uhú
263	seio, peito	-namá	-namá	285	urubu-rei	huɾukúɾe	urukuí
264	semente	-bia	-bilá	286	urucum	makápa	wákáhá
265	sentado	biku	abíkú	287	vagina	-wata	-watá
266	sol	kuazadi	kuadfi	288	vassoura	piama	piámá
267	solução	tiku	tiku	289	veado	ahua	ahuá
268	sozinho	meme	meme	290	velho	dúrea	adúriu
269	sucuri	adia	adjá	291	ver	záku	zákú
270	suor, suado, com calor	-kusiɾi	-kapiɾi	292	verde	akiu	akélú
271	surubim	duɾufi	durupí	293	vir, chegar	wi	wi
272	tatu (gen.)	ɽusa	dúʔá	294	voar	aɽ	ʔáɽ
273	tatu canastra	manuɽi	mayuɽi	295	você	éna	ena
274	terra	ipiá	epiá	296	vocês	esi	esí
275	tesoura	kiakiapa	kiakihá	297	vomitir	ena-ena	enáena
276	tipiti	kamama	kameamá				